TL1973

Declaração de José Ramos-Horta por ocasião da cerimónia de entrega do prémio "Activista Internacional do Ano - 1994" da Fundação Gleitsman (EUA)

Devo, em primeiro lugar, agradecer às pessoas e organizações amigas, em particular ao meu velho amigo, o David Scott, da Australia, pela sua amizade e confiança na minha pessoa, propondo-me para tão prestigiado prémio. Em segundo lugar, agradeço o júri internacional que decidiu em meu favor ou, melhor, que decidiu em favor do nosso martirizado e heróico povo. Peço ao sr. Alan Gleitsman que transmita aos membros do júri, o ex-Secretário-Geral da ONU, sr. Javier Perez De Cuellar, o Arcebispo e Prémio Nobel de Paz, Desmond Tutu, ao Prémio Nobel de Paz argentino, Adolfo Perez Esquivel, e ao astrofísico e activista de direitos humanos chinês Fang Lizhi.

Para si, sr. Alan Gleitsman, também a minha profunda gratidão pelo seu apoio e generosidade em deslocar-se até Lisboa para pessoalmente fazer a entrega do prémio. Faço-lhe um apelo para que continue a pensar no nosso povo e mova as suas influência nos EUA para que o Congresso e a Administração americanos apoiem decisivamente os esforços da ONU e de Portugal na busca de uma solução justa para o conflito de Timor Leste.

Sensibilizam-me as presenças honrosas do Sr. Ministro de Negócios Estrangeiros, Dr. José Durão Barroso, Sr. Presidente da Câmara de Lisboa, Dr. Jorge Sampaio, dos senhores deputados, representantes das missões diplomáticas, de amigos e membros da comunidade timorense. Sensibiliza-me em particular a presença dos meus colegas dirigentes da resistência timorense.

Aceito este prémio em nome do chefe máximo da resistência timorense, Xanana Gusmão, faço-o também em nome de Nino Konis Santana e faço-o ainda em nome de todos os grandes combatentes de liberdade da nossa pátria ocupada. Eles são os verdadeiros activistas, não apenas de 1994, mas de todos os anos. Mas seria injusto se não mencionasse aqui três nomes que sempre

estiveram comigo e eu com eles desde a primeira hora, que partilharam comigo, na frente internacional, todas as pequenas vitórias e as grandes desilusões, que me apoiaram em todas as esquinas deste mundo nesta luta que muitas vezes era travada em total solidão. São eles o Mari Alkatiri, o José Luís Guterres e o Roque Rodrigues. Se mereço algum reconhecimento eles também o merecem e, por isso, com eles partilho este momento.

Também partilho este momento com os meus inúmeros colaboradores destacados em Portugal, na Holanda, Austrália, nos EUA e no Canadá e que leal e incansavelmente me têm apoiado desde que assumi as funções de representante especial do CNRM.

Com a solidariedade amiga, incansável e desinteressada, de Portugal e de todo o mundo, também partilho este momento pois a causa timorense não teria conhecido os progressos dramáticos na cena internacional sem a sua combatividade e sem essa grande força que é a da opinião pública.

É-me particularmente simbólico partilhar o prémio de activista internacional do ano para 1994 com Beate e Serge Klarsfeld pois ambos representam a história da luta de um povo, o grande povo judeu, uma história inspiradora de coragem, tenacidade, paz e justiça. Ninguém pode ser insensível à sua história de séculos de sofrimento, perseguição e humilhação, culminando mas não terminando com o genocídio físico da II Grande Guerra. Digo não terminando porque assistimos hoje em muitos países do mundo à tentativas de ressurgimento do anti-semitismo, coincidindo com os fenómenos do racismo e da xenofobia não só na Europa, mas também em muitos países em vias de desenvolvimento. O povo judeu tem dado ao mundo grandes lições de coragem, determinação e generosidade, de inteligência e criatividade, e a esse grande povo a humanidade muito deve em todas as áreas da actividade humana.

Orgulho-me por isso em partilhar o prémio com dois grandes combatentes judeus a Beate e Serge.

Não quero alongar-me demasiado e abusar da generosidade dos convidados aqui presentes. Que me permitam apenas aproveitar esta oportunidade para

lembrar que dentro de dias, 17 de Julho, assinalar-se-á o 19º aniversário da anexação formal de TL pela Indonésia. Nesse dia em 1976, um acto do Parlamento indonésio pretendeu selar os destinos do povo maubere transformando-o, da noite para o dia, em povo indonésio. O timorense deixaria de ser timorense, condição em que ele nasceu, existiu e se desenvolveu ao longo de 40 mil anos, para passar a ser um cidadão indonésio.

Por essa ocasião e respondendo a um simpático convite da Associação de Estudantes da Escola Jean Piaget de Almada, a resistência timorense dará uma Conferência de Imprensa e reflexão sobre estes quase 20 anos de resistência. Reservo assim para o dia 17 de Julho, 2ª Feira, na Escola Jean Piaget, em Almada, uma intervenção mais demorada.

No outro dia, quando cheguei à séde da Associação 12 de Novembro li num dos jornais diários uma notícia que me fez o coração saltar de alegria e emoção. Era a notícia da libertação de uma grande figura, a senhora Daw Aung San Suu Kyi da Birmânia. A vez de Xanana também chegará. Mais cedo do que poderemos pensar.

Last but not least, convido a todos a apreciarem esta tela que me foi oferecida por um amigo e irmão agora preso em Cipinang, Jakarta. Xanana está aqui hoje em pensamento e através da sua arte. Devo contar-vos a curta história deste quadro. Há alguns 12 meses, Xanana enviou três quadros para o exterior. Um foi oferecido ao SG da ONU. Dr. Butros Butros-Ghali, outro ao Sr. Presidente da República, Dr. Mário Soares, e o terceiro foi-me oferecido. Só que o terceiro era o mais fraquinho de todos. E "protestei". Desse "protesto" surgiu esta tela.

Um muito obrigado a todos pela vossa presença.

Lisboa, 14 de Julho de 1995.